EDUCANDÁRIOS DE FORTALEZA

RAIMUNDO GIRÃO

O recuo ao passado de um século vai conduzir-nos até uma cidade a que, pode dizer-se, faltava tudo.

Os dez mil habitantes que a compunham viviam em residências de confôrto modesto, andando em ruas de areia, salvo poucas, as mais do centro, cobertas de pavimentação de pedras toscas, feita por calceteiros vindos dos Açores.

Nem por isso era uma cidade triste. Bem ao contrário, o naturalista Agassiz, ao visitá-la em 1859, gostou do seu aspecto, "as casas pintadas dos mais variados tons", enfim uma cidade sem o ar sonolento de muitas outras cidades brasileiras que visitara. Nas suas palavras mesmas, viu, "aqui, movimento, vida e prosperidade".

Impressão idêntica à de J. C. da Gama e Abreu, deixada no seu "Do Amazonas ao Sena": "A capital é de aspecto alegre, e bem lhe enquadra o nome *Urbem Ridentem* do poeta latino; para isso muito concorre o grande número de rostos formosos que assomam às janelas, e tão grande, que para logo se conhece que há ali a maior desproporção entre o número de mulheres e homens".

Pela noite, mal quebrando as trevas, uma iluminação pobre, queimando azeite de peixe pelo bico de lampeões de ferro pendurados às esquinas, aqui e ali.

A cultura intelectual era artigo de luxo, privilégio de pequena minoria que pudera recebê-la notadamente no Recife, ouvindo os doutores da Academia de Olinda — padres, bacharéis, funcionários do govêrno.

A instrução do povo bitolava-se a nível fraco, mais dos portuguêses ádvenas do que dos prata-de-casa. Não havia biblioteca e livros sòmente eram comprados com dificuldades.

Penetravam os meninos no embaraçoso labirinto do abecedário frequentando raras escolas avulsas, montadas rudimentarmente, sem nada que os encantasse.

Em 1826 tentara-se estabelecer uma cadeira de Filosofia, mas esta não foi além de sua decretação no papel.

O presidente José Martiniano de Alencar (Senador Alencar), com as suas largas vistas administrativas, chegou a cogitar da criação de uma Escola Normal, o que igualmente não se concretizou em virtude de sua demissão e alegando o seu sucessor não suportar o Cofre da Província despesa dessa espécie.

Apesar de muitas idéias renovadoras e muitos relatórios eruditos, nada se conseguiu, assim, de melhor em relação ao ensino e à educação até 1845, quando instalaram o Liceu, cuja história principia, aliás, dois anos antes, com o projeto votado pela Assembléia Provincial, instituindo-o com atribuições para expedir diplomas de bacharel em letras.

O presidente Marechal José Maria da Silva Bitencourt vetou a disposição por entender que só ao Poder Geral caberia constitucionalmente fazê-lo, e foi com essa exclusão que o estabelecimento tomou corpo e vida, constituído das cadeiras de Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, Geometria, Trigonometria, Aritmética, Geografia e História, Latim, Francês e Inglês.

O Padre Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu) é o inspirador e orientador do nascimento do Liceu do Ceará, do qual durante muitos anos se fêz o primeiro diretor e garantia de sua consolidação.

Começa daqui — afirme-se sem exagêro — a sistematização da cultura mental cearense. Pompeu é-lhe indiscutìvelmente o pai. (1) Os seus argumentos e judiciosos motivos em tôrno das novas normas oferecidas à ensinança na Província convencem do sólido saber pedagógico e do equilíbrio realizador do ilustre sacerdote.

Mas a cidade crescia e no tocante à instrução aos poucos se tornava maior ponto de atração dos rapazes do interior, desejosos de aprender e cultivar a inteligência. Já o Liceu não os comportava, com a agravante de, por sua própria organização, não dispor de internato.

Foi quando João de Araújo Costa Mendes resolveu fundar em Fortaleza uma casa de educação. (2) Êste cearense de Boa Viagem chamava-se João de Araújo Costa, porém, sabendo da existência de um

---

(1) — *Pequena História do Ceará*, de Raimundo Girão, Fortaleza, Editôra A. Batista Fontenele, 1953, Cap. XXI.

(2) — A êsse tempo o Prof. Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubim mantinha aulas de Português e Francês (cursos primário e secundário) e prometia em anúncios publicados no *Pedro II* (1862) "empregar todos os esforços ao seu alcance para o progresso dos alunos, mediante os preços mais razoáveis possíveis". Joaquim Kiappe é autor de uma gramática portuguêsa em versos e morreu na guerra contra o Paraguai, no pôsto de Capitão de Voluntários.

homônimo no Ipu, decidiu acrescentar ao seu nome o patronímico *Mendes,* da família paterna, filho que era de José Mendes Guerreiro (publicou declaração nesse sentido no "Pedro II", jornal de Fortaleza, 1862).

Estudara na Bahia e lá se dedicara ao magistério, vindo a ser um dos melhores colaboradores do afamado Professor Abílio César Borges, depois Barão de Macaúbas, diretor do nacionalmente reputado "Ginásio Baiano". Chegou a ocupar a Vice-diretoria dêste, e para o Ceará trouxe a longa experiência e a perícia dos métodos educacionais adotados no célebre colégio.

Fundou, em 8 de janeiro de 1863, o *Ateneu Cearense,* com os auxílios sempre valiosos do irmão Manuel Teófilo Costa Mendes, e ambos o transformaram no, por ventura, mais importante educandário particular de quantos funcionaram nesta Capital, se considerada a relatividade das coisas e do tempo.

Os primtivos estatutos do *Ateneu,* segundo o Barão de Studart, têm a data de 4 de outubro de 1862 e saíram impressos da Tipografia Cearense. De início, funcionou em prédio da Praça do Ferreira (então denominada Feira Nova ou Largo das Trincheiras), sito na esquina das atuais ruas Floriano Peixoto e Pedro Borges, de onde se mudou para a Rua Amélia (hoje, desde 1878, Rua do Senador Pompeu) ns. 70-72, casa das conhecidas "calçadas altas" transformada na residência do jornalista João Brígido e, mais recentemente, no "Fortaleza Hotel". Ainda em sua longa vida peregrinou o *Ateneu* pela Rua Formosa (Barão do Rio Branco), n. 80 (no sobrado que tem, modernamente, o n. 764) e na Rua de Baixo (Rua Conde d'Eu) n. 80.

Por aquêles aludidos estatutos, dois eram os fins do colégio: 1 — a educação religiosa da mocidade e 2 — firmar a juventude em sólidas bases de instrução literária, a fim de poder a seu tempo aplicar-se com proveito aos estudos maiores nas Academias e Seminários do Império. Admitia alunos internos, semi-internos (meio pensionistas) e externos em qualquer mês do ano, fôsse qual fôsse a idade, contanto que morassem na Capital os pais, ou quem os representasse. Os internos dividiam-se em cinco classes que se conservavam separadas e sem comunicação, e pagavam a mensalidade de 50$000 (cinqüenta mil réis). Quando cursasse mais de uma disciplina, pagaria o aluno 2$000 relativos a cada uma. Para os meio-pensionistas a mensalidade era de 16$000, com a mesma obrigação de acréscimo de 2$000 por matéria a mais. Os externos estavam obrigados a 4$000 por aula, recebendo o aluno primário papel, pena, trinta, traslado etc. Tudo pago adiantadamente e em trimestres.

Havia aulas de Catecismo (gratuita), Primeiras Letras, Gramá-

tica, Latim, Francês, Inglês, Geografia e História, Geometria, Filosofia e Retórica. Se frequentadas por mais de 20 alunos, dividiam-se em secções. Também se ensinava Música, Dansa e Ginástica. Dominavam o método moderno e o "vantajoso sistema de prêmios e punições morais, ficando assim abolidos os castigos físicos, que só eram aplicados nos casos de tentativa contra a moralidade".

João de Araújo faleceu em 1874, deixando viúva, D.ª Maria Madalena Justa, com quem se casara em maio de 1864 e formara prole destacada.

Antes mesmo de sua morte o *Ateneu* passou a ser dirigido pelo irmão Manuel Teófilo, igualmente "entusiasta da instrução primária e sedento de prestar no magistério serviço à terra do berço".

Em janeiro de 1869, Manuel Teófilo associou-se na propriedade do ginásio ao Padre Urbano da Silva Monte e ambos trataram de aparelhá-lo convenientemente, o que de fato alcançaram; porém logo em agôsto a sociedade se dissolveu com a retirada do último, permanecendo o antigo diretor com as responsabilidades, atendendo, nas suas palavras textuais — "mais aos serviços que desejo prestar a minha província e à realização dos meus desejos a respeito dêste colégio, do que a interêsse pecuniário, que na época que atravessamos nenhuma vantagem pode oferecer".

Assim escreve Manuel Teófilo no Relatório por êle apresentado ao presidente João Antônio de Araújo Freitas Henriques, em 5 de agôsto de 1870, e anexo à Fala com que êste abriu a 1ª Sessão da 18ª Legislatura da Assembléia Provincial. A leitura dêsse Relatório deixa evidente o alto grau de dedicação do segundo Costa Mendes ao seu estabelecimento e a influência no seu espírito exercida pelas idéias do venerando Professor Abílio: "No Ginásio Baiano, cuja reputação tem chegado ao grau mais lisonjeiro, vi durante quase dois anos os seus imensos resultados (do método prático) e em diversas publicações suas se vê a grande vantagem que êle tem obtido. Não tem sido de menos importância o que tem conseguido de seus discípulos, os quais empregam menos tempo e menos esfôrço na preparação de suas lições, do que aquêles que só esperam dos livros aquilo que em parte deveriam esperar de seus mestres".

A cadeira de Filosofia do *Ateneu* estava entregue ao Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Meneses, com 4 alunos. A de Matemática, ao Dr. Théberge, com 9 alunos. A de Geografia e História, ao Dr. Félix José de Sousa Júnior, com 10. A de Inglês, ao Dr. Gonçalo de Almeida Souto, com 13. A de Latim, ao Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, com 44, divididas em quatro classes, eloqüente prova da preferência do ensino da língua do Lácio. A de Conversação Francesa, com 5

alunos, ao Dr. Octave Juannez. A 1ª classe de Francês, ao Dr. Antônio Domingos da Silva, com 25. A 3ª e 4ª classes, a Ataliba M. de Moura Ribeiro, respectivamente com 18 e 24. A 1ª de Português, com 77. A 2ª, a Luís Carlos de Matos Peixoto, com 28. A 3ª, a Manuel Teófilo Costa Mendes. com 24. Às aulas primárias compareciam 96 meninos. A de música era confiada a Vítor Augusto Nepomuceno, pai do notável compositor e maestro Alberto Nepomuceno.

Causas de saúde obrigaram Manuel Tiófilo a abandonar o magistério, e foi com enorme contrariedade que em 31 de agôsto de 1882 publicou na "Gazeta do Norte" esta despedida: "Declaro para os devidos fins que nesta data passei ao ilustríssimo Sr. Dr. Manuel Ambrósio da Silveira Tôrres Portugal a propriedade do *Ateneu Cearense*, oferecendo aos seus amigos os seus préstimos em Acaraú, cidade onde vou residir". Foi casado, ali, duas vêzes: a primeira com Da. Fortunata Rodrigues, e a segunda com a sobrinha desta, Da. Nininha Gifoni.

Vinte anos de continuado e proveitoso labor em benefício de várias gerações servem para gabar-lhe o nome, na mais incontestável veneração daqueles que sabem apreciar, medir e considerar o trabalho do indivíduo em favor das necessidades coletivas, dando de si próprio, desprendidamente, para fazer a ventura dos outros. (3)

Rodolfo Teófilo cursou o *Ateneu* na sua primeira fase, matriculado em 1865, já o instituto instalado na Rua Amélia.

Em página de delicada saudade relembra diversos colegas. entre outros Capistrano de Abreu, "uma exceção entre nós, sempre pelos cantos, isolado, malamanhado, desasseado e lendo, sempre lendo"; Rocha Lima (Raimundo Antônio), "franzino, tímido, um pouco gago, estudioso, cujo talento, no entanto, passou despercebido no colégio"; Domingos Olímpio, "de índole alegre, jovial, tendo sempre um episódio interessante, uma anedota chistosa a amenizar a palestra"; Paula Nei (aluno externo), "raquítico, moreno, de olhar muito vivo"; Xilderico de Faria (aluno externo), "um bólido que iluminou por um instante o espaço e caiu afogando-se no oceano"; João Lopes Ferreira Filho (aluno externo), "comprido, franzino, de espessas sobrancelhas, feições grossas, fàcilmente caracterizáveis"; Frederico Borges, Tomás Pompeu, Pe. Leorne Menescal, José Pacífico Caracas, Inácio Dias, Padre João Augusto da Frota, Antônio Cruz Saldanha, José Albano Filho, Alfredo Salgado...

E, de modo especial, retrata os dois Costa Mendes — João de Araújo, "morto na flor da vida, deixando mulher e filhos", e Manuel Teófilo, "mais alto que o outro, diferente dêle, cheio de corpo, espa-

(3) — Manuel Teófilo viveu os seus últimos dias administrando a "Colônia Cristina", de Canafístula (hoje Antônio Diogo).

daúdo, fisionomia mais expansiva e simpática", (4) porém quanto aos dotes morais e intelectuais perfeitamente comparáveis, com aptidões didáticas semelhantes.

Nas mãos do Dr. Portugal o *Ateneu* prosseguiu o seu caminho, procurando melhorar ainda mais a sua estrutura. Logo em 13 de dezembro reuniram-se os professôres e combinaram medidas que a tornasse de todo eficiente, com um plano de ensino mais intensivo e mestres mais atuantes, com lições bem claras e capazes de prender a atenção do discípulo. Teoria e prática em perfeita combinação, exercícios repetidos e número de alunos reduzido em cada classe, discutindo temas em adequada familiaridade com o professor. No currículo foi introduzido o ensinamento da história do Ceará, bem como noções de ciências naturais, de educação menos convencional e mais instrução cívica.

Joaquim Catunda ensinava Português; José de Barcelos, Francês; Guilherme Studart, Inglês; Almino Álvares Afonso, Latim e Retórica; Adolfo Herbster, Geometria e Desenho; João Lopes Ferreira Filho, História; Pedro Borges, Geografia; Cap. Vasconcelos, Filosofia e Matemática — e êsses nomes por si valiam, e efetivamente valeram, uma segurança no didatismo provinciano daquelas éras.

Admiráveis, devemos concluir, os serviços do *Ateneu* à causa da educação e da instrução, e honras àqueles que souberam manter-lhe o fôgo sagrado, florescente sempre na dignificante e nobre missão de lapidar quantas pedras preciosas que, se não fôra êle, continuariam talvez para tôda a vida ocultas nos cascalhos informes da ignorância. Infelizmente, teve que fechar o seu glorioso ciclo com a ida do Dr. Tôrres Portugal para o Rio de Janeiro, onde teria de exercer o mandato de deputado geral, para que fôra eleito em 1886.

* * *

Outras casas de educação existiram nesse período compreendido entre a abertura e a extinção do *Ateneu*.

Em 5 de janeiro de 1870 foi instalado o *Panteon Cearense* pelo Professor Pedro da Silva Sena, de curso primário, com internato e externato. O "Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará", publicação de Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, 1870, traz-lhe o teor do Regulamento, cujo artigo final curiosamente reza que "os empregados do Panteon serão morais, pacatos, prudentes e cumpridores de suas obrigações; aliás serão despedidos".

(4) — *Almanaque do Ceará* de 1922, p. 449. Cumpre registar que Manuel Teófilo foi também apóstolo convencido da emancipação e que nas comemorações de datas festivas celebradas no seu colégio havia sempre manumissões de escravos" (Barão de Studart, *Dicionário*, vol. 2; p. 360.

O mesmo Almanaque dá notícia do *Colégio Cearense*, situado na Rua Amélia n. 146, sob a responsabilidade do Padre Luís Vieira da Costa Perdigão, que posteriormente foi professor de Retórica do Liceu (1872), informando ser "curso completo de todos os preparatórios exigidos para a matrícula nas diferentes Academias do Império". E também de outro com idêntico nome, "sob os auspícios de Nossa Senhora da Conceição, para educação de meninas de 5 a 12 anos de idade", tendo como dirigente Da. Carolina Herbster d'Assunção.

Um lustro para trás, exatamente em 10 de dezembro de 1864, entrara em funcionamento o *Seminário Episcopal*, com sede provisória no edifício destinado ao Colégio das órfãs (hoje Escola Preparatória de Cadetes), tal qual se daria, no ano seguinte, a 15 de agôsto, com o *Colégio da Imaculada Conceição*, também localizado provisòriamente em prédio da Rua Formosa, ns. 26 e 28, na esquina da Rua Castro e Silva. A crônica vitoriosa dêsses dois institutos religiosos é conhecida sobejamente e dispensa novas referências e apreciações, salvo a de que o Ceará adiantou passos agigantados na estrada da inteligência e da cultura com a presença de ambos e lhes é sumamente agradecido pela enorme soma de mercês que hão derramado, anos a fio, como belos frutos e perfumosas flôres caídas da mais excelente das cornucópias.

Agora, já podiam os rapazes e moças educar-se mais cômoda e aprimoradamente, distribuindo-se, conforme a sua vocação e sexo, por entre essas várias pré-academias, e eis que duas outras sem demora para isso se oferecem: o *Colégio São José*, do Padre Dr. Ananias Correia do Amaral, e o *Instituto Cearense de Humanidades*, do Padre Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, sem falar no *Colégio Universal*, aberto em 4 de fevereiro de 1875, e na *Escola Popular* ou Escola Noturna, para pobres e operários, criada em 31 de março de 1874 sob a égide da interessantíssima "Academia Francesa', da qual tão bem se ocupou Dolor Barreira na sua "História da Literatura Cearense", vol. 1º, p. 90 e seguintes.

Dêsse *Colégio Universal* não obtivemos esclarecimentos melhores, senão a referência que lhe é feita pelo Barão de Studart em *Datas e Fatos para a História do Ceará*, vol. 2º, p. 221, e o Relatório ou Fala do Presidente da Província, de 1874, esclarecendo ambos que nele havia as cadeiras de Português, Latim, Francês, Inglês, Aritmética, Geografia, Geometria, História e Filosofia, sendo professôres: Manuel Soares da Silva Bezerra, Antônio Domingues da Silva, Teófilo Rufino Bezerra de Meneses, Arcelino de Queirós Lima, Padre Luís Pordeus, José Joaquim Teles Marrocos, Francisco Perdigão de Oliveira, Antônio Augusto de Vasconcelos.

Aquêle *Colégio São José* vem de 1876, alojado desde o dia 1 de fevereiro num prédio térreo com fechada coberta de azulejos e portão lateral de entrada, na Rua Formosa, n. 100 (5) hodiernamente transformado nos sobrados ns. 1026 e 1030, onde, respectivamente, se acham as "Lojas de Variedades" e "A Cruzeiro' .

Era um internato, semi-internato e externato, com os cursos primário e secundário. A anuidade para os internos era 400$000, em quatro prestações, além da jóia de 30$000, paga com a primeira. Os semi-internos contribuíam com 200$000 anuais e os externos com a mensalidade, adiantada, de 4$000 no curso primário, 5$000 por um preparatório, 9$000 por dois, 12$000 por três, 14$000 por quatro e 15$000 por cinco. Mais tarde o *São José* se transferiu para outro edifício, também térreo, do mesmo quarteirão, em que residiu José Correia do Amaral e, a seguir, as famílias dos comerciantes Joaquim Sá e Costa Freire. Daí se deslocou para os altos do sobradão da Rua das Trincheiras (Liberato Barroso), esquina com a Rua Major Facundo, devorado por um incêndio, o primeiro a que de perto assisti, com o meu pasmo de meninote, ante a cena belo-horrível das chamas engulindo tudo, qual Moloc insaciável. Nos baixos do casarão em fogo, a loja do negociante João Néri, com o seu farto sortimento de artigos de celulóide e de borracha, velocípedes, bicicletas e quantos mais, que eu via, com tristeza, destruídos, como se a fogueira diabólica estivesse a queimar, a mastigar com os seus dentes ígneos, tantas esperanças e ilusões, e as minhas de permeio, das crianças e rapazolas pobres que ansiavam, inatingìvelmente, pelo uso daqueles adoráveis brinquedos.

Conta-me o Professor Dias da Rocha, antigo discípulo do Padre Ananias Amaral, que foram seus mestres no *São José* o Dr. Manuel Pimentel e José Teles Marrocos, e êle evoca nas reminiscências dos seus 86 anos de vida tão preciosa os bons colegas João Nogueira (o Engenheiro), José Sabóia (o Juiz de Sobral), Francisco Ramos (Médico) Alcides Brasil de Matos, Pergentino Morais (Farmacêutico em São Paulo, onde faleceu), Gaudioso de Carvalho, Antônio Arruda, Tobias Amaral (Engenheiro) e Moisés Amaral (Bacharel), os dois últimos irmãos mais moços do diretor.

À sua vez, João Nogueira recorda, na sua póstuma "Fortaleza Velha", (6) os professôres Padre João Augusto da Frota, Padre José Leorne Menescal, Lourenço Pessoa, João Perdigão de Oliveira e José Severiano de Oliveira.

---

(5) — Aí é que se fundou e por algum tempo funcionou a "Perseverança e Porvir", sociedade de fins econômicos, porém de preocupações emancipacionistas, da qual nasceu a "Cearense Libertadora".

(6) — Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, 1945, p. 47.

O Cônego Ananias foi sacerdote de muita cultura, de muita bondade e muita humildade; e tanto, que por dois turnos recusou a mitra de bispo. Poliglota e inspirado poeta sacro.

O outro, o *Instituto* do Padre Bruno, abriu-se em 1 de fevereiro de 1879 para os alunos de primeiras letras e no dia 15 para os de preparatórios. Internato, semi-internato e externato, com a mensalidade, respectivamente, de 40$000, 20$000 e de 5$000 por uma aula, 8$000 por duas, 11$000 por três, e 13$000 por quatro. Os seus iniciadores foram o referido Padre depois Monsenhor Bruno Figueiredo e o Padre João Cordeiro da Cruz Saldanha; mas logo êste teve de seguir para o Rio (1881), ficando aquêle com a propriedade exclusiva. A primeira sede esteve na Rua do Senador Pompeu, n. 172, porém se passou para a Rua de Baixo (Conde d'Eu). Aí, já em plena marcha o processo da abolição da escravatura, muitas festas houve de encorajamento ao grande feito cívico cearense. Os alunos do *Instituto de Humanidades* sustentavam o jornalzinho "Filomático". Em 4 de dezembro de 1884, o Padre Bruno transmitiu a propriedade e direção do *Instituto* aos seus irmãos de sacerdócio Antônio de Sousa Barros e Antônio Lopes de Araújo, tendo-os apresentado aos pais de família em declaração que publicou na "Gazeta do Norte", edição do dia 17. "Os novos diretores — acentuava — são dois sacerdotes que se têm dedicado à vida do magistério, fazendo ao mesmo tempo parte da direção do Seminário Episcopal, onde trabalham com ardor e devotamento para o progresso do mesmo estabelecimento; e, portanto, afiançam não só o adiantamento literário como o aperfeiçoamento dos alunos confiados ao seu zêlo e dedicação". Tomou daí por diante o nome de *Colégio São Luís* êsse estabelecimento de instrução.

* * *

Precisamente no prédio da Rua Formosa, n. 100, em que funcionou o *Colégio São José* referido, um dia, mais tarde, surgiu (3 de fevereiro de 1881) o *Colégio Santa Rosa de Lima,* orientado por Júlia Amaral, irmã do Cônego Ananias, auxiliada por Judite Amaral, Cândida Argentina da Frota, Elvira Pinho e Carolina Albernaz de Matos. Expressamente criado com "o fim de dar às alunas esmerada educação moral e civil, e bem assim cabal instrução científica, literária e artística". As aulas de Física, Italiano, Inglês e Doutrina Cristã estavam a cargo dos Padres João Augusto da Frota e Ananias Amaral. O programa geral ou estatuto do colégio acha-se publicado na "Gazeta do Norte", n. de 9 de janeiro de 1881, 4ª página. Mudou posteriormente a sede para a chamada Chácara dos Amarais, no Benfica.

Valiosa influência exerceu êsse colégio na formação intelectual e moral das jovens que educou. Júlia Amaral, como a irmã Judite, pianista e pintora exímia, e as demais companheiras de mister constituíam grupo homogêneo, todo a êle dedicado. Ganhou bom nome o Colégio das Amarais, como era habitualmente denominado.

No Relatório, ou Mensagem, lido à Assembléia Legislativa em 1887 pelo presidente Enéas de Araújo Torreão, no que tange ao ensino particular, encontramos alusão, além dos já conhecidos, ao mencionado *Colégio S. Luís,* internato e externato, primário e secundário, dirigido pelo Padre Antônio Lopes de Araújo; ao *Ginásio Cearense,* de igual feição, do Cap. Antônio Duarte Bezerra; ao *Colégio Nossa Senhora da Vitória,* de Maria Mendes Gondim; ao *Jardim da Infância,* de Maria Sedrim; ao *Telêmaco* de Lucíola Pagels; ao *Externato Florisa,* de Lino Encarnação; à *Escola Cristã,* do Padre Liberato Dionísio da Costa, e finalmente, à escola do prof. Anacleto Cavalcante de Queirós.

Exigem especiais comentários os três últimos.

O *Florisa,* nome de uma das filhas do Professor Lino de Sousa Encarnação, seu dirigente, tinha portas abertas na Rua Major Facundo, n. 24 (antigo). Nascera Lino em 23 de dezembro de 1851, na cidade do Ipu, filho de Ricardo de Sousa Encarnação e Maria da Penha. Casara-se em 11 de novembro de 1875 com Ana Pereira, da qual teve dezoito filhos. A sua história é, sem tirar nem pôr, a de muitos meninos pobres do sertão que acabam na Capital através de mil óbices e mil e um desenganos, mas afinal arranjam, dêste ou daquele modo, o seu lugar ao sol. Muita coisa o fêz sofrer, inclusive a arte de tipógrafo, que praticava durante o dia, enquanto estudava durante a noite. De esfôrço em esfôrço, seguindo curso regular, diplomou-se professor primário pela Escola Normal. (Esta foi criada pela Lei nº 1790, de 1878, e instalada em 22 de março de 1884).

De começo, ensinou em uma escola pública no Mucuripe, porém achou melhor fazê-lo em escola própria e fundou o *Florisa*. No govêrno do General Clarindo de Queirós foi nomeado lente de Geografia e História daquela Escola Normal, cargo de que foi demitido, ilegalmente, na administração do Comendador Acióli, ao qual fazia oposição política, como *maloqueiro* decidido.

A certa altura, o Professor Anacleto de Queirós, já à frente do *Ginásio Cearense,* resolveu transferir-se para Guaramiranga e para lá transportou uma parte dêste — o Internato, passando a Encarnação a outra — o Externato (7), surgindo daí, com a fusão do *Florisa,* o *Partenon Cearense* (outubro de 1892), localizado na mesma casa em que

(7) — Leia-se *O Norte,* jornal de Fortaleza, n. de 12.10.1892.

se achava o *Ginásio* — Rua 24 de Maio nº 124 (esquina da Rua Liberato Barroso), recentemente demolida para no local levantar-se o "Lord Hotel"). Mudou-se, depois, para outro prédio da citada Rua 24 de Maio, esquina com a Rua Guilherme Rocha (então Rua Municipal), de propriedade, como ainda atualmente, da família do Des. Daniel Augusto Lopes, onde permaneceu até 1900, ano que se transferiu para a Rua Barão do Rio Branco, n. 115, prédio da família Menescal. Até 1904 aí demorou, mas, adoecendo, deliberou Encarnação acabar com o internato e levou o *Partenon* para edifício defronte (correspondente aos fundos da Farmâcia e Drogaria Pasteur, da Praça do Ferreira), mal o sustentando com a ajuda das filhas Florisa, Maria de Nazaré e Anita. Faleceu em 12 de junho de 1909.

O *Partenon Cearense* tinha o curso primário, o de preparatórios e o comercial, êste à noite. Neles foram professôres: Agapito dos Santos, José de Barcelos, Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda, João Samuel Mundim, Raimundo de Farias Brito, Pedro Rocha, Luís Sá (Desenho), Maestro Manuel Magalhães (Música) e Henrique Autran.

Gustavo Barroso, em "Coração de Menino", (8) rememora as suas correrias de aluno do *Partenon* desde o dia de sua matrícula com o indefectível *trote,* até as brigas com os "papa-missas" do Colégio do Padre José Barbosa de Jesus. São *memórias,* as do autor de "Terra de Sol", que trazem ao hoje dos dias, fortemente realçada a personalidade do seu mestre e mestre de inúmeras turmas de mocidade, a olhar e velar por elas na diturnidade difícil dos ensinadores, mister complexo e árduo que requer a paradoxal aliança da energia com a suavidade, da estimulação com o castigo, da austeridade com a meiguice, tudo numa coisa só, para da mistura sair o preceptor, o outro pai querido ou odiado, não raro, no fim, alvo de ingratidões e só menos vêzes do reconhecimento e afeto de alguns alunos ou discípulos.

Aqui está a dedicatória de Gustavo, retratando isso: "À memória do professor Lino da Encarnação, meu mestre, que me ensinou a amar o meu país e a honrar o meu nome, que depois de educar sem reclames nem mercantilismo várias gerações de meninos, no Ceará, morreu humilde, pobre e esquecido de todos. De mim, não".

Também Mário Linhares rememora as suas alegrias do *Partenon*: "O que, porém, se torna imperioso é evocar a figura singular do professor Lino Encarnação, como paradigma do educador que fêz da sua profissão um verdadeiro sacerdócio, impondo-se à confiança e ao respeito da sociedade fortalezense.

Na direção do seu colégio, Lino era um timoneiro experimentado

(8) — Rio, Getklio M. Costa Editor, 1939.

que sabia levar o seu barco a pôrto seguro. Tôdas as grandes virtudes do tipo perfeito do mestre emérito exornavam a sua personalidade de homem devotado ao ensino e cônscio de suas altas responsabilidades. Não adotava o ferrenho regime da palmatória, de uso geral, então; preferia a persuasão, o conselho, o brio, a delicadeza no amanho das mentalidades alvorescentes. Dêste modo, operava o milagre da vara bíblica que fêz jorrar água da rocha bruta" (Carta ao autor).

A *Escola Cristã* do Cônego, depois Monsenhor Liberato, ficava na rua do Sampaio (Rua Governador Sampaio), no prédio de sete portas ogivais e ainda sem nenhuma alteração de fachada, formando canto com a Rua Visconde de Saboia, lado par e norte. Liberato nele morava com a mãe e as irmãs, ocupando a parte pròpriamente da esquina. Depois de ser Coadjutor da Sé em Fortaleza, abriu o pequeno externato (6 de janeiro de 1882), que, com o melhor desenvolvimento alcançado, se ampliou com internato, chegando a receber mais de 400 alunos, anualmente. Até 1898, conservou-se no govêrno de sua Escola, da qual Carlos Albano Amora fêz parte e em nota que me forneceu relembra os professores Raimundo de Arruda, Epaminondas da Frota, Pe. Justino Domingues, Mons. Bruno Figueiredo, o Cônego João Paulo Barbosa, bem assim os companheiros de bancos escolares Drs. José Frota, Joaquim Frota, César Rossas, Adonias Lima, Mário Linhares, Pedro Veríssimo, Sebastião de Abreu, José Sombra, Guilherme Studart da Fonseca, Heitor Marçal e José Gil Amora, Alfredo Aguiar, Mário Menescal, Argemiro Valente, Camilo Pôrto Figueiredo, João Pôrto Caminha.

O curso primário estava entregue a Gustavo Hitzschky e ao Tenente Josino Siqueira. Obrigatório o estudo do Latim.

"Quando me matriculei nesse educandário — ouvi de um de seus antigos discípulos, o Dr. Pedro de Araújo Sampaio — corriam, contadas pelos alunos e transmitidas de geração a geração, histórias de arripiar. Algumas eram inverossímeis, mas outras tinham viso de verdade. Diziam, por exemplo, que quando o padre aparecia na sala de aulas vestindo batina parda, era certa uma rajada de bolos em tôdas as classes. Contavam mais que muitas vêzes a mãe do padre tirava de suas garras alunos castigados desalmadamente. Era gordo, andar peneirado e voz nasalada".

Já o conheci bem velho, Monsenhor, respeitável e respeitado, rezando dêsse modo as missas, novenas e outros atos religiosos da igreja do Rosário.

Foi grande figura do clero, catedrático da Escola Normal e militou na política do Ceará, tendo sido Vice-presidente do Estado. Nasceu no Aracati e faleceu em 15 de novembro de 1941.

O *Ginásio Cearense*, do Professor Anacleto de Queirós, rivalizou em organização e importância com o *Ateneu* dos Costa Mendes.

Aos dezoito anos de idade e na defesa de uma irmã que recebia castigo imoderado de um tio que os criava, desfechou Anacleto neste seu tão severo parente um tiro de espingarda de caça e o matou. Fugiu de Iguatu, onde se dera o delito, e acabou assentando praça no Batalhão do Exército, no Pará. Não sabendo ler nem escrever, mas sendo de comportamento exemplar, tomou-o como seu soldado bagageiro o Capitão (General) Morais Rêgo e obrigou-o a frequentar escola. Instruindo-se com rapidez, não decorreu um ano e ei-lo no pôsto de sargento quartel-mestre. E o era, quando, requisitado pela Justiça do Ceará, veio responder ao processo. Condenado pelo júri a catorze anos de prisão celular, cumpriu a última parte da penalidade na cadeia de Fortaleza. Mesmo como detento, angariou simpatias e amizades que serviram para colocá-lo na estima dos diretores do presídio. Estudou com afinco o Português, a História, a Aritmética e especialmente a Geografia e, na segura posse dêsses conhecimentos, propôs-se a lecionar aos presos, e também, fora da detenção, a rapazes e moças em seus próprios lares, onde comparecia, por exigência sua, acompanhado de um guarda. Conseguiu não pequeno número de discípulos e, cumprida mais de metade da pena, fêz requerimento a Pedro II solicitando indulto, o que infelizmente não logrou, apesar da prova clara de sua correção penitenciária.

Decepcionado, não desanimou e continuou a estudar, certo da vitória da própria tenacidade. Terminados doze anos da punição, já bastante relacionado e contando com amplo círculo de admiradores, encaminharam êstes, à sua revelia, novo pedido de perdão, desta vêz concedido. Com o alvará em mãos, procuram-no os amigos e êle os recebe na sua cela, que se havia transformado em gabinete de estudos. Sabedor do motivo da visita, sentiu-se embaraçado, mas pôde afinal externar: — "Meus amigos, do íntimo d'alma agradeço o muito que a vossa amizade fêz por mim e a minha gratidão é eterna, porém não posso aceitar essa graça, porque não quero ficar devendo êsse favor a Sua Majestade". Cumpriu rigorosamente a sentença e, uma vez em liberdade, tratou de montar um colégio para o ensino de rapazes, tendo adquirido, para isso, do Cap. Antônio Duarte Bezerra, já muito desacreditado, o *Ginásio Cearense*, que fôra fundado em 7 de janeiro de 1887 e estava localizado na Rua Barãodo Rio Branco, num sobrado em que se encontra atualmente a "Casa Singer". Êste prédio pertenceu ao comercinate José Gomes Barbosa, que o construiu no local do antigo "Teatro Taliense". Aí residiu o negociante Farias e, mais recentemente, o Dr. Francisco de Paula Rodrigues. Ao ser demolido para a recons-

trução, estava alugado à Companhia de Cigarros Sousa Cruz. O mirante dêsse sobrado era o ponto mais elevado de Fortaleza, antes da invenção dos arranha-céus (9).

Como vimos linhas atrás, em 1892 Anacleto traspassou o externato do *Ginásio* a Lino Encarnação e levou o internato para Guaramiranga. E como crescesse demais, ali, a frequência, voltou para Fortaleza e acomodou-se no prédio da Rua Senador Pompeu n. 24 (antigo), atualmente sede da Imprensa Oficial.

Dotado de notável capacidade de trabalho e o mais pronunciado senso didático, cêdo impôs o *Ginásio Cearense*, comumente chamado Colégio Anacleto, ao conceito geral e à confiança dos pais de família. Firmou-se, então, como o principal estabelecimento particular de ensino, no Estado, onde se educaram um sem conto de jovens que ainda hoje podem, em grande parte vivos, dar testemunho dessa insofismável influência.

Havia três cursos: primário, médio e secundário, dêles tendo sido professôres José de Barcelos, Agapito dos Santos, Padre Frota, Dr. Guilhobel, Raimundo de Arruda, Henrique Autran, Abílio Mendes, Joaquim da Costa Nogueira, A. Almeida, além de vários auxiliares, tais como Artur Sampaio, Álvaro Adolfo da Silveira (hoje Senador pelo Pará), Artur Vitoriano, Manuel Sátiro, Godofredo Maciel, Virgílio Pereira, Odorico de Morais, Luís Rolim da Nóbrega, Júlio Menescal, Raimundo Gomes, José Carlos de Matos Peixoto.

Em 1903, indo ao Amazonas em companhia do irmão José Pereira Cavalcante, recebeu convite de Constantino Néri (alguns amazonenses eram alunos do *Ginásio Cearense*) para fundar um colégio em Manáus, prometendo-lhe o Governador os auxílios necessários. Resolvido a aceitar a proposta, entregou o seu instituto educacional ao Dr. Antônio Adolfo Coelho de Arruda e ao Dr. Henrique Autran, transportando-se no comêço do ano seguinte para aquela Capital do extremo norte.

Tal como prometera, Constantino Néri pôs à sua disposição um dos melhores edifícios do Estado e forneceu-lhe as verbas indispensáveis à instalação, bem assim a subvenção anual de doze contos de réis. Para ajudá-lo no *Instituto Amazonense* (nome do novo educandário) foram de Fortaleza: José Carlos de Matos Peixoto, o futuro Presidente do Ceará e emérito jurisconsulto e professor da Universidade do Brasil; Raimundo Gomes, o fundador e professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; e, como censores, Josias Maciel e Francisco Costa Moreira. Lecionava Matemática o Engenheiro Armando Berredo. Raimundo Gomes, que nos ofereceu essas notas, foi Vice-diretor do Instituto.

(9) — Ler Fortaleza Velha, de João Nogueira, ps. 47-48.

Alguns anos depois retornou Anacleto ao Ceará e tentou restaurar o *Ginásio,* o que todavia não realizou por ter a saúde mental algo alterada. Ainda assim preparou um curso de aulas a que chamou *Instituto Cearense,* na Praça Fernandes Vieira (na chácara em que está o Asilo do Bom Pastor), de onde saiu para a Rua Clarindo de Queirós (presentemente o prédio que se acha ocupado pelo Grupo Escolar Duque de Caxias) e, finalmente, para o Benfica, no edifício em que se encontra o Colégio Santa Maria. Acabou muito pobre, no seu sítio "Rocinha", nesta Capital. Casara-se com Da. Maria Magalhães, de família modesta, e do consórcio houve diversos filhos, alguns dêles residindo no Rio de Janeiro, destacando-se Da. Isa de Queirós, Professora do Instituto Nacional de Música e casada com o Almirante Amâncio dos Santos.

* * *

Outra casa escolar de muito conceito foi o *Instituto de Humanidades* do Cônego Vicente Salazar da Cunha e do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. Fundado em 7 de janeiro de 1892, começou as atividades a 15. O seu elenco de mestres representava por assim dizer o escol da época: Pe. Dr. Justino Domingues da Silva, Dr. Antônio Epaminondas da Frota, Dr. José Carlos Ribeiro Júnior, Dr. Helvécio Monte, Dr. Antônio Augusto, Júlio César da Fonseca Filho, Lino Encarnação e Vicente Salazar. Sede na Rua Sena Madureira, n. 113, defronte à igreja presbiteriana. Internato, semi-internato e externato. Programa do Curso Secundário nos moldes do Ginásio Nacional. Salazar da Cunha teve sempre muito pendor para o ensino, pois desde 1880 andara às voltas com as aulas e lições, tendo dirigido um colègiozinho — o *Liceu Primário,* mantendo-o até o fim de 1886, quando motivo de doença o forçou a fechá-lo. Nele ensinava o Pe. Bruno Figueiredo que, a despeito dessa interrupção, continuou a ministrar em sua residência, na Rua Major Facundo n. 170, as aulas de Português, Francês, Latim e Aritmética, a partir de 10 de janeiro do ano seguinte.

Concordando com a sua nomeação para Vigário de Maranguape, o Cônego Salazar desfez-se do seu Instituto, o qual ficou entregue aos cuidados e responsabilidades do Padre José Barbosa de Jesus. Êste o mudou para a Rua Barão do Rio Branco n. 108 (antigo), em prédio onde até há pouco funcionou a "Movelaria Malheiros". Gustavo Barroso, no seu citado "Coração de Menino" afirmou ter visto o Colégio do Padre José Barbosa na Rua General Sampaio, e pessoalmente me esclareceu ser uma casa de quatro portas, situada entre as residências das famílias Paulo de Morais e Teófilo.

Auxiliava o Padre José Barbosa de Jesus o seu irmão Antero Bar-

bosa, homem por demais severo, a ponto de, não raramente, desgostar os pais de alunos. Com a sua retirada para o Amazonas, o Instituto desapareceu.

* * *

Até aqui temos dado destaque a casas de ensino que mais se projetaram na crônica educacional de Fortaleza, porém não será justo deixar de mencionar a existência de outras menores, que também concorreram para o progresso da instrução e educação do Ceará, contemporâneos, alguns, dos que hemos apreciado e outros inaugurados até o fim do século — o ano de 1900.

Serão de enumerar: a *Escola Americana,* do protestante Lacy Wardlaw, na Rua Major Facundo n. 156B; o *Externato S. Clotilde,* fundado em 15 de janeiro de 1891 pela professora, poetisa e romancista Francisca Clotilde, na Praça Marquês de Herval, hoje Praça José de Alencar, n. 6; o *Externato Santa Teresa de Jesus,* de Rufina Rossas, na Rua do Senador Pompeu, n. 143 A, fundado em 8 de janeiro de 1886, por Dr. Rufina Maria Rossas; o *Externato Alba Rosa,* de Raquel Amaral, na Praça de Pelotas (Praça da Bandeira) n. 1 (esquina das Ruas General Sampaio e Clarindo de Queirós); o *Colégio da Assunção,* das irmãs professoras Maria Teresa (Dedê), Isabel e Júlia Maia, na Rua do Senador Pompeu, n. 60, fundado em 10 de janeiro de 1887.

A dois outros, porém, é preciso referir com certas minudências.

Em primeiro lugar, devemos ressaltar o *Colégio Nossa Senhora de Lourdes* (externato e internato), destinado ao sexo feminino e que teve como criadora a intelectual Ana Bilhar. Fundado em 1889 na Serra de Baturité (Guaramiranga), transferiu-se para Fortaleza e começou a receber alunas em 1 de outubro de 1896. Auxiliavam a diretora na administração do modelar educandário sua irmã Epifânia Bilhar, Maria Eugênia e Marcionília de Lima. Compunha-se do curso primário, secundário, complementar e o curso de artes, êste com o ensino de Música, Piano, Bandolim, Canto, Desenho, Pintura e Caligrafia.

No secundário se estudava: Português, Francês, Inglês, Italiano, Geografia, Aritmética, História Geral e Natural, Instrução Cívica e Religiosa. O curso complementar constava da revisão das matérias do secundário. Responsáveis pelo curso primário eram Maria Clara de Sousa, Maria do Patrocínio de Sousa (ambas sobrinhas do grande político Martinho Rodrigues) e Maria Virgínia da Cunha.

O corpo docente do curso secundário era composto de: Português e Italiano — Agapito dos Santos e Pe. José Leorne Menescal; Geografia e História — Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos; Francês — Dr.

José Medeiros e Ana Bilhar; Inglês — Dr. Epaminondas da Frota e Miss Saunders; Aritmética — Dr. Henrique Autran. O Professor Zacarias Gondim ministrava ensinamentos da Música instrumental e oral. Cândida Pamplona e Maria Théberge ensinavam Piano.

O Colégio esteve, a princípio,na Rua 24 de Maio, n. 92, e mais tarde foi transferido para o excelente prédio da Praça Benjamim Constant, onde teve quartel a Escola Militar do Ceará e, presentemente, é ocupado pela Escola Preparatória de Catetes. Ana Bilhar foi preceptora de alto porte, culta e finamente educada. A sua orientação pedagógica ajustava-se ao que de melhor havia naquela época. Sabia dar o máximo de brilho e distinção social às festas e solenidades do seu famoso estableecimento.

Em segundo lugar, a referência liga-se ao *Instituto Miguel Borges*, instalado em 1 de junho de 1900, por Odorico Castelo Branco.

Miguel Borges fôra um devotado professor piauiense, a quem o diretor quis prestar homenagem, filha da gratidão, que lhe devia.

Ninguém seria mais rigoroso, severo e vigilante no interêsse pelos seus pupilos espirituais do que o Professor Castelo, as vêzes até exagerado no cumprimento do dever e na defesa de suas idéias. Deixou tradição dessas atitudes.

Tendo perdido a espôsa — Da. Arina Pinheiro, que faleceu dez meses após o casamento (1908), nem um só instante esqueceu o culto de sua memória, nem de igual modo deixou de velar pela educação da filhinha órfã — a menina Odorina, que seria mais tarde a espôsa do Dr. Leão Sampaio, deputado federal e médico de enorme clientela e prestígio na zona sul do nosso Estado.

O *Instituto Miguel Borges*, de início, ocupou o prédio da Rua Major Facundo, n. 156 B (hoje ns. 716, 722 e 724), no qual, antes, estivera a Escola Americana do Revdo. Lacy Wardlaw. Depois (1910), saiu para a Rua do Senador Pompeu, n. 24, onde funcionara o Colégio Anacleto (hoje sede da Imprensa Oficial). Daí, para a Praça do Coração de Jesus (Praça Senador José Júlio), até o falecimento de Odorico, em 25 de janeiro de 1921, momento em que o adquiriu o Dr. Sila Ribeiro. Êste modificou a denominação para *Colégio Castelo Branco*, em justo aprêço ao seu fundador e, posteriormente, o alienou ao patrimônio da Arquidiocese de Fortaleza, quando já alojado no prédio próprio da Avenida Dom Manuel, onde continua preenchendo galhardamente as suas finalidades. Nascera o Professor Odorico no Piauí, em 1876. Conhecia profundamente as matemáticas, cultivava a poesia e publicou vários livros de real valor.

* * *

Bem poderíamos terminar aqui estas notas e pequenos comentários sôbre os estabelecimentos de ensino de nossa Capital, deixando para outra oportunidade, ou para outrem, a tarefa de relacionar os que se fundaram e funcionaram, ou ainda funcionam, no presente século.

Entretanto não nos esquivaremos ao trabalho de anotar alguns mais, estendendo assim as nossas modestas apreciações até 1915.

No dia 7 de agôsto de 1902 os professores Valente de Andrade, Francisco Gonçalves e José Vieira brindaram a mocidade de Fortaleza com uma casa de ensino, que se chamou *Externato Colombo* e tinha sede na Rua Municipal (Guilherme Rocha) n. 5, em frente à Biblioteca Pública. Aludido prédio n. 5 foi transformado no em que funciona a Caixa Econômica. O da Biblioteca, na esquina com a rua Gal. Bezerril (onde está a casa comercial Auto-Volante) foi demolido e substituído pelo "Palacete Iracema", construído por Eduardo Pastor, em 1914.

Pouco se demorou ali o *Colombo*, tendo ido ocupar o prédio da Rua Floriano Peixoto ângulo da Rua Pedro Pereira, presentemente alugado à fábrica de móveis "Ilha da Madeira". Em 1904 deslocou-se para a Rua 24 de Maio, n. 92 (aí estivera o Instituto de Ana Bilhar), fazendo canto com a Rua da Assembléia (Rua São Paulo).

Valente de Andrade era sulista e casou-se, no Ceará, com uma filha do capitalista Reinaldo Pôrto, um dos arrendatários da Estrada de Ferro de Baturité. Foi o primeiro diretor do Colégio e dedicava-se às belas letras. José Vieira, também intelectual de méritos, era paraibano e veio para Fortaleza ao aceno de Rodrigues de Carvalho, outro filho da Paraíba que se identificou à vida cearense. Bom poeta e escritor de ótimos recursos, projetou-se com vantagem nos meios culturais da Capital da República. Ambos e Francisco Gonçalves fizeram parte do *Centro Literário*, em cujas tertúlias apareciam salientemente.

Ficando só na direção do Externato, já êste com o nome de *Colégio Colombo*, Gonçalves deu-lhe o melhor da sua inteligência e do seu trabalho. Homem simples, sizudo, de compleição agorduchada, bastos bigodes e óculos de grau, fumante incontido, imprimia ao mesmo tempo respeito e simpatia aos estudantes. Possuidor de boas qualidades de educador, aliava-lhes a segurança do saber, especialmente o do vernáculo, em que se reputou autoridade. Viveu sempre para o magistério, não tendo ocupado cargos públicos.

Em 1911, vindo passar alguns meses em Fortaleza (morava em Maranguape), matriculei-me no estabelecimento (curso primário) e guardo bem nítida a impressão da sua bondade e austeridade, nessa época moço de 30 anos, mas na aparência muito mais idoso (nascera nesta Capital em 9 de novembro de 1880). O Colégio Colombo acre-

ditou-se pela sua contextura modêlo, sem castigos corporais, antes com o incentivo de prêmios, quadros de honra e elogios diários dos que alcançavam as melhores notas.

Em 1913 o *Colombo* foi adquirido pelo Dr. Manuel Leiria de Andrade, fulgurante talento e sólida cultura que a política desviou de melhores triunfos no campo da sabedoria.

Entretanto, Gonçalves continuou a dar aulas particulares, e por isso mantinha um curso na Rua Conde d'Eu, quase vizinho à família do Dr. Virgílio de Morais. Com a nomeação do Dr. Leiria para lente da Faculdade de Direito e seu ingresso na vida pública, teve o Colégio de fechar as portas, em razão do que muitos dos seus alunos procuraram novamente a Francisco Gonçalves, o qual resolveu abrir o *Externato Pedro II,* situado na Rua General Sampaio, vizinho, lado sul, da "Casa de Juvenal Galeno" e na atualidade ocupado pela Delegacia do S. E. S. I.. Não sei bem por que motivo decediu transportar-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Nunca mais voltou ao Ceará e, na Capital Federal, deu trelas ao comércio de livros (comprara a Livraria Católica), mas não foi feliz. Retornou ao magistério como professor contratado do afamado *Colégio Pedro II,* devido à interferência do seu antigo aluno, leal amigo e conterrâneo Professor Clóvis Monteiro.

O ano de 1914 estudei no *Colombo* do Dr. Leiria de Andrade, na 4ª série primária. Entusiasmava-me a capacidade intelectual do mestre, provendo várias cadeiras sem a menor dificuldade. Era de ver, igualmente, o seu desvêlo pelo filhinho primogênito, o depois médico ilustre, Dr. José Maria de Andrade.

Tenho sob os olhos, perfeitamente conservado, o diploma (atestado), das minhas notas finais expedido pelo colégio aos 15 de novembro e firmado pelo Diretor — Leiria de Andrade, o Secretário — Andrade Furtado e a banca examinadora: Henrique Autran, Antônio Teodorico da Costa e José de Israel Cisne. Aprovado plenamente, grau 8,5, o que me cousou forte decepção, porque nos anos anteriores conquistara distinção em Maranguape, no colégio do Professor Henrique Chaves (1913) e na escola pública de D. Naninha Cabral (1912), mestres ainda vivos nesta cidade da Fortaleza e mais vivos ainda na minha sincera estima e querença. Ambos humildes, esquecidos talvez. De mim, não — como disse Gustavo Barroso em relação ao seu Professor Lino. Saindo do *Colombo* fui cursar o Liceu.

Ocupava o colégio o sobrado da Rua da Assembléia (Rua São Paulo) esquina da Rua Senador Pompeu, lado par, ainda sem qualquer alteração no seu aspecto externo. Em baixo, no cruzamento das duas vias públicas, por longos anos existiu a "Mercearia Camucim".

Fundado quase dois anos mais tarde, aparece na mesma Rua da

Assembléia, no 33 (antigo), o *Instituto de Humanidades,* do Professor Joaquim da Costa Nogueira, inaugurado em 25 de janeiro (1904), mas sem tardança transferido para a Rua Barão do Rio Branco, prédio que tem, modernamente, o n. 936. E' o sobrado em que residiu e faleceu, nesse aludido ano de 1904, o Conselheiro Rodrigues Júnior. Na parte térrea, por muito tempo estiveram as oficinas do jornal "O Cearense", órgão do partido por êste chefiado.

O Professor Nogueira, nascido no Aquiraz em 28 de outubro de 1866, recebeu dos padres Bruno de Figueiredo e Cruz Saldanha as primeiras lições da espinhosa mas dignificante arte de educar. A morte do pai, em 1889, obrigou-o a interromper o curso jurídico que fazia na Faculdade do Recife e, de volta ao Ceará, demorou em Quixadá, onde fundou o *Colégio S. Luís de Gonzaga,* e em Baturité, cidade a que serviu como tabelião e na qual fundou outro — o *Ginásio Baturitèense.*

Rápido foi o progresso do *Instituto de Humanidades,* que se tornou o melhor e mais procurado educandário de Fortaleza. O mestre-escola apurou os dons e vocações, e consagrou-se. Os seus métodos de transmitir conhecimentos revolucionaram o didatismo local, superando formas e noções obsoletas que a inércia conservadora persistia em aplicar. A fértil imaginação do reformador não parava de encontrar maneiras e meios de atrair o real interêsse do aluno e prendê-lo ao estudo, habituando-o, prazeirosamente, à exação dos deveres escolares.

Arquitetara originalíssimo "baralho aritmético", por intermédio de cujo manejo exercitava prodigiosamente o aprendiz nas agilidades do cálculo mental. Com o Desenho e a Caligrafia, pela sua inteligente técnica, de pronto se familiarizavam os que o ouviam. As competições, os concursos e jogos de espírito de tôda a sorte estimulavam a seleção e os vitoriosos eram alvo das mais engenhosas honrarias e premiações. Os trabalhos selecionados iam para as páginas da "Revista Escolar", órgão oficial do Instituto, e dava gôsto ver os meninos e os moçóilos empenharem-se no apresentá-la digna da melhor leitura.

O corpo de professôres afinava com essa pedagogia intuitiva e leve. A êle pertenciam nomes então firmados nas cátedras e outros que mais tarde se alcançaram à mais insuspeita nomeada: Francisco de Assis Caszerra de Meneses, Antônio Augusto, Teodorico da Costa, Odorico Castelo Branco, Henrique Autran, Arimatéia Cisne e, entre os segundos, José Carlos de Matos Peixoto, Andrade Furtado e Antônio Furtado, posteriormente mestres abalisados do Direito.

Em 1910, vai o Instituto para o prédio em que tanto florescera o homônimo do Cônego Salazar, na Rua Sena Madureira (ns. 113 e 113A). Prosseguiu as suas atividades sempre em vitorioso crescendo, porém em 1914 a fatalidade o desarticulou, como se majestoso castelo ruísse,

de inopino, aos tufões da tempestade. E' assassinado a tiros de revólver, em plena rua e no meio duma roda de amigos, entre muita gente que alegremente assistia ao *sereno* de uma festa do "Clube dos Diários" (noite de 28 de outubro), o filho único do admirável educador — o moço José de Mendonça Nogueira, um dos esteios da administração do colégio e, também, seu professor ajudante. Golpe assim inesperado desnorteou completamente aquêle fecundo espírito e daí por diante o Professor Nogueira sòmente pensou na memória do ente estremecido.

Senti bem de perto a sua dor. Escrevente do cartório em que corria o processo criminal, constantemente lhe ia à casa levar cópias de peças dos autos, por mim tiradas a pedido seu, através das quais êle acompanhava, com a maior ansiedade, os depoimentos e despachos.

O fato comoveu a cidade e o desfêcho favorável ao criminoso contribuiu para agravar aquela tristeza de cerrado luto. O mestre transmudara-se num amargurado, maníaco da veneração do filho sacrificado, a viver quase como um marginal, crescida a barba, encanecidos os cabelos, cavadas no rosto as rugas do sofrimento.

Em 1918, algo refeito, abriu um curso de aulas primárias na Rua General Sampaio, com algum tempo mais transformado no *Colégio Nogueira*, na citada rua, em prédio vizinho, ao sul, da "Casa de Juvenal Galeno" — inútil tentativa de recomposição do seu velho Instituto.

Faleceu o Prof. Nogueira no dia 21 de julho de 1935, feito lente de Desenho do Liceu do Ceará.

Outros externatos se formaram até 1915 e podemos destacar: o *Colégio S. Antônio*, de Vicente Alves de Oliveira; o *Externato Coração de Jesus*, de Maria Bastos Dantas Ribeiro e Clélia Brígido, fundado em 2 de fevereiro de 1906 e reorganizado em 1912; *Colégio Nogueira Acióli*, de Leonor de Vasconcelos e Júlia Moura; o *S. Luís de Gonzaga*, de Isaura e Vicentina Costa; o *Externato S. José*, do ex-seminarista José Rufino de Moura (que foi depois empregado da Alfândega); a *Escola Jesus, Maria, José*, fundada em 22 de janeiro de 1905, destinada a meninos pobres e orientada por Irmãs de Caridade; o *Colégio N. Senhora do Carmo* (internato e externato), fundado em 7 de janeiro de 1907 por Maria Clara de Sousa Marques; o *Colégio N. Senhora das Vitórias*, por Maria Mendes e Emma Adélia Ruedin Gonthier, a notável Madame Gonthier, que fundaria em 1916 o afamado *Colégio La Ruche*; e o *Colégio N. S. da Assunção*, fundado em 7 de janeiro de 1911, por Maria Cristina Arruda Gondim.

Em 6 de dezembro de 1911, fundada pelo Dr. Boanerges de Queirós Facó, Moacir Caminha, Francisco Irineu de Araújo Filho, Clóvis Vasconcelos e Valdevino Tabosa Freire, surgiu a *Escola Humanidade Nova*, visando "à educação integral do indivíduo, baseada nos métodos expe-

rimentais da Pedagogia Moderna". Instalou-se no "Palacete Ibiapaba", assim vulgarmente denominada a residência do Barão dêste nome, na Rua Major Facundo, esquina com a Rua Senador Alencar.

Mas a Escola não pôde sobreviver, pois em 30 de junho do ano seguinte fechou, por não suportar o pêso das despesas decorrentes do seu programa demasiado otimista ou visionário, por ventura avançado para o meio ambiente, agravada a situação com a doença do seu diretor.

Nêsse mencionado ano (1912), os Padres Climério Chaves, Misael Gomes da Silva e José Quinderé fundaram e instalaram o *Colégio Cearense*, com externato e internato. Inicialmente, foi localizado na antiga residência de Msor. Hipólito Gomes Brasil, atualmente transformada no Estúdio da Rádio Iracema, na Praça José de Alencar, transferindo-se posteriormente para a Rua Barão do Rio Branco, num prédio que foi demolido para, no lugar, erguer-se o "Edifício Diogo". O Padre Climério era o encarregado dos negócios externos do instituto. Ao Padre Misael cabia a direção didática e a Quinderé a administração interna, no que era auxiliado por sua irmã Ana Quinderé. Como prefeito de disciplina, trabalhou algum tempo o Padre Otávio de Castro. Todos eram professôres. As aulas de Português e Francês estavam confiadas ao Prof. Raimundo de Arruda. Três anos depois o Colégio passou à propriedade e orientação da Ordem dos Maristas, que ainda hoje o mantém grandemente ampliado e portador das mais sólidas tradições.

Em 1915, a 7 de abril, começou a funcionar o *Colégio de N. Senhora do Sagrado Coração* (Instituto de Santa Dorotéia) que, igualmente, ainda existe em tôda a plenitude dos seus elevados misteres.